

O Paratexto

Ana Maria Bernardes

(UFMG)

No presente trabalho pretendo estudar o **paratexto**. Paratexto ou perigrafia é tudo aquilo que transforma o texto em um livro, em um objeto concreto. Em outras palavras, é tudo que faz parte do livro mas não é o texto propriamente dito: capa, título, ilustrações, prefácio etc. Nesta apresentação, devido às limitações de tempo, falarei apenas da capa, que é um dos tipos mais importantes de paratexto, como veremos a seguir.

O estudo do paratexto ainda não é muito comum, principalmente no Brasil, não havendo muita bibliografia a respeito em nossa língua. Por isso, a minha prática tem sido buscar a teoria geral dos signos, a Semiótica, além da Filosofia e de outras áreas de Ciências Humanas, e aplicá-las ao meu objeto de trabalho. Desta forma busco identificar os sigilos mais frequentes nos paratextos e deduzir seus significados e suas implicações ideológicas.

A análise da capa de um livro ajuda muito na interpretação de seu contexto (o texto a que ele se refere) e do contexto político-histórico-social em que está inserido. Alguém poderia então perguntar: se é mesmo tão importante, por que é tão pouco estudado? Bem, para responder essa pergunta, será necessário trilhar um pouco os caminhos da Filosofia.

Esta questão está ligada à oposição entre os sentidos e a razão, entre o mundo real e o mundo das idéias. A ciência geralmente privilegia a razão, a abstração, o ideal, enquanto que a impressão sensorial nunca é muito valorizada. Mas nós sabemos que, antes de pensar, nós sentimos. É a famosa primeiridade de Pierce, sempre presente na nossa relação com o mundo. Antes de entendermos, de racionalizarmos, nós experimentamos as sensações. Antes que a razão entre em cena, nossos sentidos já estão funcionando. Todos os sentidos, mas principalmente a visão.

A visão é tida como o sentido mais importante no conhecimento do mundo. Diz Aristóteles que é ela “que nos faz adquirir mais conhecimentos e que nos faz descobrir mais diferenças”. Santo Agostinho nos diz o mesmo, e nos mostra também que os outros sentidos, quando buscam o conhecimento, “usurpam o ofício da vista”. É o que acontece quando dizemos, por exemplo: “**Olha** como esse doce é gostoso”.

Mas este conhecimento sensorial é, no entender de muitos autores, “vago, confuso e inadequado porque no mundo dos sentidos não há estabilidade nem harmonia”. Por este motivo não é muito valorizado pela ciência.

Pois bem. A capa de um livro é constituída basicamente de apelos visuais: cores, ilustrações, letras, uma infinidade de signos que atingem o leitor antes mesmo que ele abra o livro. A capa funciona como uma janela que permite ver o interior do livro, sem a necessidade de que ele seja pelo menos aberto.

Entretanto, ao fazer este “adiantamento” do conteúdo do livro, a capa nem sempre é imparcial e objetiva. Na maioria das vezes, mostra-se ressaltado, através de um signo qualquer, um determinado aspecto do texto em detrimento de outros. Assim, as capas procuram seduzir o leitor, mostrando os elementos do livro que estão relacionados ao prazer, aos desejos do leitor. Isto ocorre porque, sendo um objeto, o livro é também mercadoria, precisa de consumidores. Assim, na capa devem vir representados os desejos do consumidor. A capa deve ser o meio de que o livro dispõe para seduzir alguém a ser seu leitor. Voltando à questão do olhar, não somos só nós que, olhamos o livro, ele também nos olha e nos convida a penetrá-lo. Podemos então considerar a capa, neste sentido, como sendo o olho do livro. (A partir dessa relação de sentido o livro passa a ter, além de um valor de uso, valor de troca.)

Deste modo, aventuras, tramas amorosas, cenários convidativos, pessoas atraentes etc., são elementos que aparecem com frequência nas capas de narrativas literárias. Em livros de poesia, podem aparecer imagens abstratas, que à primeira vista não apresentam relação com o texto. Na maioria das vezes, entretanto, podemos observar a aproximação da poesia às artes plásticas, o que ressalta a presença da beleza naquela obra literária. Os livros teóricos, por sua vez, trabalham não com o prazer, mas com outro desejo humano: o poder da sabedoria, o “status” da ciência. Assim, mesmo em capas mais trabalhadas, notamos uma certa austeridade. Nestes livros, só o título e, principalmente, o nome do autor, já passam a impressão de seriedade, sobriedade e verdade de que se reveste a ciência.

Bem, por enquanto estive falando de um tipo de capa: a capa própria do livro, elaborada pela Editora. Há, porém, um outro tipo de capa: a encadernação, e a capa muito comum nos livros de bibliotecas. Nesse caso, nem sempre aproxima leitor e livro, pelo contrário, chega a afastar, principalmente aqueles leitores que não têm muita intimidade com os

livros. É que neste caso ocorre a radicalização da austeridade, pois trata-se de uma capa que esconde a capa verdadeira, que fecha o olho do livro. A encadernação acentua a relação de poder provocada pelos livros em geral. O livro é visto como objeto raro, de difícil acesso, exclusivo de uma elite privilegiada, dona do saber. Não é de se estranhar que as pessoas com um certo poder aquisitivo, mas com um “nível cultural” considerado inferior, decorem suas casas com bibliotecas imensas, com a encadernação combinando com o ambiente da sala. Para estas pessoas, o que vale não é o conteúdo do livro, mas o “status” social de se ter uma biblioteca daquele porte em casa. Aqui podemos lembrar também do nosso ex-presidente Collor e de sua insistência em despachar em sua biblioteca, de fazer seus pronunciamentos e entrevistas na biblioteca. Ele sabia do poder que uma biblioteca exerce, principalmente em pessoas mais simples. Era mais uma forma de legitimar seu poder e sua competência, para os que ainda duvidavam. Ele era um homem de “marketing”.

De uma maneira ou de outra, portanto, a capa oferece ao leitor signos que aguçam seus desejos, quer de prazer, quer de “status” social. E esta relação de sedução pode ser trabalhada pelo professor em sala de aula. Ao indicar a leitura de uma obra literária, pode-se fazer não apenas a interpretação do texto, mas a interpretação do livro. Assim, pode-se analisar os sigilos presentes na capa, observando a que valores e idéias eles remetem. Isto pode ajudar no desvelamento da ideologia do texto, de seu quadro simbólico. Desta forma pratica-se uma leitura mais abrangente e esclarecedora, além de aumentar a intimidade entre aluno e livro: desvelados os jogos de poder e sedução instaurados pelo livro, o aluno já não se intimidará mais diante deste ou daquele tipo de capa, mas procurará observar o que o livro realmente tem a oferecer.

Além do mais, há um outro ponto muito importante a ser destacado: com este tipo de exercício estaria-se aproveitando a competência dos alunos de hoje em decodificar mensagens visuais. Afinal, trata-se da geração da televisão e do o “video-game”. E por que não levar a magia das imagens para a literatura?

Para encerrar minha exposição, gostaria de fazer uma pequena citação de um trecho de uma música cantada por Caetano Veloso, chamada “Elegia”, cujos autores são Péricles Cavalcanti e Augusto de Campos, que trabalharam a partir de um poema de John Donne, poeta do século XVII:

*Como uma encadernação vistosa
Feita para iletrados
A mulher se enfeita
Mas ela é um livro místico e somente
A alguns a que tal graça se consente
É dado lê-la.*